

Prólogo

• SHELBY •

Consigo estar tão, tão calada.

A pressa destrói o silêncio. A impaciência arruína a caçada.

Demoro o tempo que for preciso.

Avanço por entre a solidão em silêncio. O pó está suspenso no ar da floresta de noite; o luar transforma em constelações as partículas que consegue atingir por entre as copas das árvores.

O único som é a minha respiração, o ar que inalo lentamente através dos meus dentes arreganhados. As almofadas das minhas patas são absolutamente inaudíveis quando poisam na vegetação húmida que cobre o chão. As minhas narinas estremeçam. O som do meu coração a bater sobrepõe-se ao murmúrio de um regato aqui perto.

Um pau seco começa a partir-se sob a minha pata.

Paro.

Espero.

Avanço lentamente. Demoro muito tempo a levantar a pata do pau. Estou a pensar. *Silêncio*. Sinto nos incisivos o frio do ar que respiro. Ouço perto de mim um som vivo, sussurrante; prende a minha atenção. Sinto o estômago tenso e vazio.

Penetro mais na escuridão. Levanto as orelhas; o animal em pânico está muito próximo. Será um veado? Um inseto noturno preenche um longo momento com uma série de estalidos até que avanço mais um pouco. Sinto o coração a bater muito depressa por entre esses estalidos. Será um animal grande? Se estiver ferido, não há perigo em eu andar à caça sozinha.

Sinto uma coisa tocar-me ao de leve no ombro. Ao de leve. Delicadamente.

Quero reagir.

Quero voltar-me e agarrá-la com os dentes.

Mas estou demasiado silenciosa. Fico parada durante muito, muito tempo e depois volto a cabeça para ver o que é que está ainda a roçar a minha orelha com um toque de pena.

É uma coisa cujo nome desconheço, que flutua no ar e se deixa levar pela brisa. Volta a tocar-me na orelha uma e outra e outra vez. Sinto a cabeça a escaldar de tanto tentar dar-lhe um nome.

Será papel?

Não percebo porque está aqui, pousada como uma folha num ramo, se não é uma folha. Incomoda-me. Mais adiante há uma série de coisas espalhadas no chão, que têm um cheiro que não me é familiar; um cheiro hostil. Deve ser a pele de um qualquer animal perigoso, que foi morto e abandonado. Evito-as, de lábios cerrados, e, de repente, vejo a minha presa.

Só que não é um veado.

É uma rapariga, que se contorce no chão, com as mãos a agarrarem-se à terra, a gemer. Quando o luar a ilumina, surge intensamente branca contra o chão escuro. Tresanda a medo. Receosa, sinto os pelos na parte de trás do meu pescoço espetados, arrepiados. Não é um lobo, mas cheira a lobo.

Estou em absoluto silêncio.

A rapariga não me vê aproximar.

Quando abre os olhos, estou à frente dela, com o nariz quase a tocar-lhe. Sentia na cara a sua respiração ofegante e quente, mas, quando me viu, parou.

Olhamos um para o outro.

A cada segundo que os seus olhos fitam os meus, sinto os pelos das costelas mais arrepiados.

Tem os dedos curvados sobre a terra. Quando se mexe, o cheiro parece menos de lobo e mais humano. Sinto o perigo a zumbir nos meus ouvidos.

Arreganho-lhe os dentes; recuo um pouco. Só penso em fugir, estar rodeada apenas de árvores que criem uma longa distância entre mim e ela. De repente, lembro-me do papel pousado na árvore e da pele despedaçada no chão. Sinto-me presa — à minha frente esta estranha rapariga e atrás de mim aquela folha inesperada. Roço com a barriga nos arbustos ao acorcorar-me, com a cauda entre as pernas.

O meu uivo começa tão lentamente que o sinto na língua antes de o ouvir.

Estou presa entre ela e as coisas que têm o cheiro dela, que pairam nos ramos e jazem no chão. Os olhos da rapariga continuam a fitar os meus, a desafiar-me, a agarrar-me. Fez-me sua prisioneira e não consigo fugir.

Ela dá um grito e eu mato-a.

Capítulo Um

• GRACE •

Portanto, agora tinha-me transformado numa loba e, além disso, numa ladra.

Tinha dado comigo humana na orla da floresta de Boundary. Mas não sabia de que lado; a floresta era enorme, estendendo-se por vários quilómetros. Era fácil para um lobo percorrê-la. Mas não era assim tão fácil para uma rapariga. Estava um dia quente, agradável — um dia maravilhoso, segundo os padrões da primavera do Minnesota. Maravilhoso é como quem diz... se não estivéssemos nus e despidos.

Doía-me tudo. Tinha a sensação de que os meus ossos se tinham transformado em serpentes de plasticina, depois outra vez em ossos, depois em serpentes e, finalmente, em ossos. Tinha comichão na pele de todo o corpo, mas sobretudo nos tornozelos, nos cotovelos e nos joelhos. Tinha um dos ouvidos a zumbir. A cabeça estava muito confusa e não conseguia concentrar-me. Tinha uma estranha sensação de *déjà-vu*.

Para acentuar ainda mais o meu mal-estar, estava perfeitamente consciente de que estava perdida e nua na floresta, mas nua na floresta e perto da civilização. Com as moscas a pairarem preguiçosamente à minha volta, levantei-me para ver onde me encontrava. Vi as traseiras de várias casas pequenas logo a seguir às árvores. Junto aos pés tinha um saco do lixo preto, rasgado, com o lixo espalhado pelo chão. Olhei com desconfiança, como se existisse a possibilidade de aquilo ter sido o meu pequeno-almoço, mas não quis pensar muito nisso.

Aliás, não queria pensar muito *em nada*. Os meus pensamentos estavam a regressar em rajadas, mas ainda só conseguia vê-los

como sonhos meio esquecidos. E, à medida que os ia recuperando, lembrei-me de ter estado várias vezes naquele momento — aquele momento nebuloso em que volto a ser humana. Em vários locais diferentes. Aos poucos, comecei a recordar-me de que não era a primeira vez que me transformava este ano. Mas, entretanto, tinha-me esquecido de tudo. Ou melhor, de quase tudo.

Fechei os olhos com muita força e consegui ver a cara *dele*, os seus olhos amarelos, o seu cabelo escuro. Lembrei-me de como a minha mão encaixava bem na dele. Lembrei-me de estar sentada ao lado dele num carro que provavelmente já nem existia.

Mas não conseguia lembrar-me do nome dele. Como é que era possível ter esquecido o nome *dele*?

Ouvi, ao longe, os pneus de um carro a ecoarem pelas ruas do bairro. O som desapareceu lentamente, à medida que o carro se foi afastando, mas fez-me lembrar de quão perto estava do mundo real.

Tornei a abrir os olhos. Não conseguia pensar nele. Não ia pensar nele. Acabaria por me lembrar. Acabaria por voltar a lembrar-me de tudo. Mas, por enquanto, o importante era concentrar-me no aqui e agora.

Tinha várias opções. Uma era regressar para o interior daquela floresta quente e primaveril, na esperança de voltar a transformar-me rapidamente em lobo. O maior problema que essa ideia levantava era o facto de, naquele momento, eu me sentir tão profunda e completamente humana. O que deixava em aberto a segunda possibilidade: entregar-me à mercê das pessoas que viviam na pequena casa azul que estava ali mesmo à minha frente. Pelos vistos, já me tinha servido do lixo deles e, pelos vistos, também do lixo dos vizinhos deles. Mas esta ideia levantava também muitos problemas. Mesmo que, naquele momento, me sentisse completamente humana, era impossível saber quanto tempo isso iria durar. E acabava de emergir, nua, da floresta. Não sabia como seria possível explicar isso sem acabar no hospital ou na esquadra.

Sam.

O nome dele voltou de repente, trazendo consigo milhares de coisas: poemas sussurrados aos meus ouvidos, as suas mãos a segurarem a guitarra, a forma da sombra por baixo das suas clavículas, a forma como os seus dedos alisavam as páginas de um livro que estava a ler. A cor das paredes da livraria, o murmúrio da sua voz sobre a minha almofada, uma lista de resoluções postas por escrito por cada um de nós. E o resto, também: Rachel, Isabel, Olivia, Tom Culpeper a atirar um lobo morto para junto de mim, Sam e Cole.

Os meus pais. Oh, meu Deus! Os meus pais. Lembrei-me de estar com eles na cozinha, a sentir que havia um lobo a emergir de dentro de mim e a discutir com eles por causa de Sam. Lembrei-me de estar à pressa a encher a minha mochila de roupa e a fugir para casa de Beck. Lembrei-me de ter ficado asfiziada com o meu próprio sangue.

Grace Brisbane.

Tinha-me esquecido de tudo enquanto estivera sob a forma de lobo. E ia voltar a esquecer-me de tudo.

Pus-me de joelhos, porque tinha alguma dificuldade em estar de pé, e agarrei as pernas desnudadas com os braços. Uma aranha castanha trepou pelos dedos dos meus pés, sem que eu pudesse reagir. Os pássaros continuavam a cantar lá no alto. A luz do Sol, quente nos sítios onde conseguia penetrar em pleno, parecia brincar com o chão da floresta. Por entre as folhas novas que cobriam os ramos de verde sussurrava uma brisa quente de primavera. Tinha a sensação de que a floresta suspirava continuamente à minha volta. Enquanto desaparecera, a natureza continuara o seu percurso, normal como sempre, e agora estava ali no meio dela, como uma realidade diminuta, impossível, sem saber qual era o meu lugar ou o que devia fazer.

Depois, uma brisa, com um aroma quase insuportável a biscoitos de queijo, fez o meu cabelo esvoaçar e ofereceu-me mais uma opção. Alguém, com um claro otimismo perante aquele tempo ameno, tinha pendurado roupa a secar no alpendre da casa, e os meus olhos avistaram-na quando o vento a fez oscilar. Uma corda cheia de possibilidades penduradas. Quem vivia naquela casa usava

claramente roupas maiores do que eu, mas um dos vestidos parecia ter uma espécie de faixa na cintura. O que significava que talvez servisse. Só que também significava que eu estava a roubar a roupa de outra pessoa.

Já tinha feito muitas coisas que muitas pessoas não achariam propriamente corretas, mas roubar nunca tinha sido uma delas. Pelo menos, roubar assim. Roubar um vestido bonito a alguém que provavelmente não tinha tido outra hipótese senão lavá-lo à mão e pendurá-lo a secar. E na corda também havia roupa interior, meias e fronhas, ou seja, talvez fossem demasiado pobres para ter uma máquina de secar roupa. Seria mesmo capaz de roubar o melhor vestido de alguém para poder regressar a Mercy Falls? Seria esse tipo de pessoa que eu era agora?

Devolvê-lo-ia. Quando estivesse pronta.

Rastejei pela orla da floresta, sentindo-me exposta e pálida, para tentar ver a minha presa mais de perto. O cheiro dos biscoitos de queijo — provavelmente a primeira coisa que me atraía enquanto loba — sugeria que estaria alguém em casa. Ninguém seria capaz de abandonar um cheiro daqueles. Eu própria, depois de o sentir, não conseguia pensar noutra coisa. Mas obriguei-me a concentrar-me no problema que tinha para resolver. As pessoas que tinham feito os biscoitos estariam a observar-me? Ou os vizinhos? Se fosse esperta, conseguiria impedir praticamente que me vissem.

O pátio das traseiras das minhas infelizes vítimas era típico das casas contíguas à floresta de Boundary, povoado pelos suspeitos do costume: armações de rede para os tomateiros, um forno artesanal, antenas de televisão com fios que iam dar a nenhures. Uma máquina de cortar relva meio tapada com uma manta. Uma piscina de plástico estalado cheia de areia, já suja, para as crianças brincarem e uma mobília de jardim com almofadas e uma toalha de plástico com desenhos de girassóis. Muita coisa, mas nada com que pudesse tapar-me.

Mas a verdade é que tinham sido suficientemente descuidados para que um lobo conseguisse roubar-lhes o saco do lixo dos degraus.

Oxalá fossem igualmente descuidados para que uma menina do liceu nua conseguisse roubar-lhes um vestido da corda da roupa.

Enchi o peito de ar, fiz figas para que fosse tão fácil como fazer um teste de cálculo ou arrancar um penso rápido de uma perna por depilar e depois corri para o pátio. Algures, um cão pequeno começou a ladrar furiosamente. Puxei o vestido.

Foi tão rápido que, quase sem dar por isso, já estava outra vez na floresta, ofegante, com o vestido roubado enrolado numa bola nas minhas mãos, escondida atrás de um arbusto que podia ser ou não uma sumagreira venenosa.

Na casa, alguém gritou para o cão *Cala-te antes que eu te ponha lá fora com o lixo!*

Esperei até o meu coração acalmar. Depois, com um misto de culpa e de triunfo, enfiei o vestido pela cabeça. Era bonito: azul, às flores, demasiado leve para aquela época do ano e ainda um pouco húmido. Tive de o enfolar um pouco na cintura para me assentar melhor. Estava quase apresentável.

Um quarto de hora depois, já tinha roubado umas socas das escadas das traseiras de outro vizinho (uma delas tinha cocó de cão preso ao salto e talvez fosse por isso que as tinham posto na rua) e ia a andar descontraidamente pela rua, como se morasse ali. Fazendo uso dos meus sentidos lupinos, cedendo a eles como Sam me tinha ensinado há tanto tempo, conseguia criar uma imagem muito mais detalhada da zona mentalmente do que visualmente. Mas, mesmo com tanta informação, não fazia ideia do sítio onde me encontrava, mas tinha a certeza de uma coisa: não estava nem mais ou menos perto de Mercy Falls.

Mas tinha um plano — mais ou menos. Sair daquele bairro antes que alguém reconhecesse o vestido ou as socas. Descobrir uma loja ou qualquer coisa que me permitisse orientar-me, principalmente antes de as socas me fazerem uma bolha nos pés. Depois: tentar voltar para junto de Sam, fosse como fosse.

Não era o melhor dos planos, mas era o único que tinha.